



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

31 DE MARÇO DE 1977.

IMPROVISO NA VILA MILITAR, NO RIO DE JANEIRO, POR OCASIAO DO ALMOÇO COMEMORATIVO DO 13º ANIVERSARIO DA REVOLUÇÃO.

Meus Senhores:

Agradeço as palavras do Exmo. Sr. Ministro do Exército, como agradeço, também, o acolhimento que me fazem hoje nesta nossa tão querida e velha Vila Militar.

Trata-se, sem dúvida, como objetivo principal, de comemorar o 13º aniversário de nossa Revolução. Mas, também, para um velho soldado, é oportunidade de voltar à caserna, ver companheiros e reviver momentos de uma longa vida. Mas eu não desejo falar do passado. Não pretendo falar dos meus tempos de soldado, nem propriamente das origens e da execução dessa Revolução. E não o faço porque receio, sem dúvida, que a emoção tome conta de mim e me perturbe. E creio desnecessário fazê-lo, porque sem dúvida no espírito de todos, sobretudo os mais velhos, existem recordações da mesma natureza. Desejo, entretanto, indagar e verificar o que foi essa Revolução e o que fizemos. Verificar se valeu a pena fazê-la e se podemos ter a consciência tranqüila de que nesses 13 anos todos nós, junto com os civis, com o povo, os dirigentes empresariais, com toda a elite brasileira, cumprimos com o nosso dever.

Sem dúvida, a Revolução fez muito e creio que a nossa consciência pode estar tranqüila. O objetivo que nos moveu, nos move e sem dúvida nos moverá nos próximos anos é, como já disse muitas vezes, o bem-estar do homem brasileiro, do homem brasileiro integrado nessa grande Nação que é o Brasil, imensa pelo seu território, imensa pelo volume de sua população, superior a 100 milhões de brasileiros, todos irmanados, sem distinção de raças, de origens, de credos e de castas, imensa, também, pela índole desse povo e pelas possibilidades, muitas ainda apenas potenciais, que o País nos oferece. Dentro desse objetivo, a nossa doutrina, como também muitas vezes já foi definida, é uma doutrina em que procuramos o desenvolvimento e junto com o desenvolvimento — ligada fundamentalmente — a segurança. Desenvolvimento e segurança constituem um binômio e não são apenas meras palavras, mas que representam de fato dois alicerces, dois fundamentos, duas razões que se entrelaçam, que se justificam mutuamente, para que se atinja o objetivo de assegurar o bem-estar ao brasileiro.

E o que temos feito em matéria de desenvolvimento? O que temos feito nesses 13 anos? Creio que dentro dos recursos disponíveis, dentro das estatísticas, evidentemente com falhas naturais e muitas vezes defasadas no tempo, mas com números irretorquíveis, números que em todos os setores assinalam esse desenvolvimento. Não é apenas o desenvolvimento econômico, é junto com ele o desenvolvimento social, e o desenvolvimento da indús-

tria, da agricultura, da pecuária, das comunicações, dos transportes, da tecnologia. É o desenvolvimento no campo da saúde, do trabalho, do ensino, da previdência. É um conjunto integrado, e junto a ele eu me permito falar também do desenvolvimento político. São áreas que não se podem separar. Elas se integram, num esforço que varia no tempo e em função das circunstâncias. Ora um dos setores tem prevalência, ora outro. Mas na realidade o desenvolvimento é um todo integrado e que tem de se realizar harmonicamente.

E no campo político, sem dúvida, nesses treze anos muito se realizou. A Nação saiu da anarquia que resultava da multiplicidade, sem justificativas e sem razões, de partidos. Havia partidos que existiam apenas para que seus detentores pudessem vender legendas. Hoje temos dois partidos, embora a legislação permita ter mais. Mas, esses partidos, um do Governo e um da Oposição, existem e traduzem que realmente nós cumprimos e procuramos cumprir a nossa obrigação fundamental de viver num regime democrático.

A Revolução foi feita em nome da Democracia e essa Democracia existe dentro do nosso País, no quadro das nossas condições econômicas e sociais. Ela não pode ser uma mera cópia, um papel-carbono do que se faz em outros países. Ela tem que levar em conta as nossas condições intrínsecas, tem que levar em conta o nível econômico que nós temos, as condições sociais das nossas cidades e da nossa zona rural. E também a índole do nosso povo, as

nossas tradições, o nosso passado, o longo período em que o Brasil viveu na Colônia e no Império e acabar com as falsidades de meras cópias que podem satisfazer ao teórico que vive enclausurado no recinto apenas de estudo, mas que não olha a realidade brasileira, que é bem diferente daquela que os papéis apresentam. É preciso viver com o nosso povo, conhecer o interior, os seus problemas, para sentir e verificar que organização política nós devemos ter e que tem que ser nossa, apenas nossa e de acordo com a nossa vida.

Digo que vivemos numa Democracia e que vivemos com liberdade, e torno a dizer o que muitas vezes já se disse: que só não há liberdade para aqueles que querem utilizá-la para destruir a nossa Nação. Estes, sem dúvida, não têm liberdade e estes, sem dúvida, são réus sujeitos à nossa legislação penal. Mas aqueles que trabalham, aqueles que idealizam um futuro melhor, que pensam no País, que pensam na Pátria, que têm espírito nacional, que vivem com a comunidade, vivem numa liberdade que creio que será difícil encontrar em outros países do nosso planeta.

No setor político, muito temos realizado, sobretudo no campo da integração. Herdamos um território de oito e meio milhões de quilômetros quadrados, do qual mais da metade ainda está por ser desbravada. Pois bem. A Revolução, na continuidade invulgar de seus quatro Governos, tem se empenhado na integração física do nosso território, com a abertura de novas vias, de novas estradas, de novos

meios de comunicação, sobretudo neste setor de comunicação, que é um dos pontos altos daquilo que realizamos. E transformamos esse Brasil. Ele é, realmente, hoje em dia, uma Nação fisicamente integrada, desde o remoto território de Roraima até o nosso Rio Grande do Sul.

Ao lado dessa integração física, realizamos, cada vez mais, uma integração social. O Brasil é um país que não tem castas, é um país em que há uma extraordinária mobilidade vertical, em que os homens das origens mais humildes podem ascender, se tiverem valor e capacidade de trabalho, aos maiores postos de direção em todos os campos de atividade do País. Não há preconceitos, apenas sobressai a capacidade de trabalho e o valor pessoal. Isto também é raro em outros países do mundo.

A par desta integração física e social que realizamos no Brasil, nós também nos projetamos no âmbito exterior. Hoje, o Brasil é no campo externo, pelo seu desenvolvimento, pela sua seriedade, pelo seu espírito de paz e de harmonia, pelo seu espírito de convivência com os demais povos, é nesse mundo de que todos somos extraordinariamente independentes, uma Nação considerada. Não apenas considerada formalmente, mas ela é citada nos foros internacionais, a sua voz é ouvida e muitas e muitas vezes é acatada, respeitada e às vezes mesmo, pelo bom-senso, pela renúncia e pelo desprendimento, é aceita pelos demais.

Estamos em paz praticamente com todo o mundo. Convivemos, inclusive, com os países que ideo-

logicamente professam doutrinas que nós não aceitamos. Vivemos em paz e procuramos viver no respeito recíproco, conservando a nossa autonomia, sem, entretanto, fugir ao espírito de cooperação. No que se refere particularmente à América Latina, as nossas relações creio que hoje em dia são melhores do que em qualquer outra época. De um modo geral, em toda a América Latina, em particular nos países do Hemisfério Sul, sobretudo os que integram a Bacia do Prata, convivemos bem com as nossas irmãs Argentina, Bolívia, assim como Paraguai, Uruguai e o Chile. E com os próprios Estados Unidos da América, embora tenhamos problemas como sempre tivemos e continuaremos a ter no campo econômico e agora em divergência de pontos de vista com relação ao campo nuclear e mesmo na consideração daquilo que deve ser apreciado como direito humano, convivemos bem, porque somos dois países tradicionalmente amigos e que têm profundos interesses mútuos a colher, a preservar, porque creio que em caráter quase essencial, não só da história, mas mesmo da geografia, são países que terão de marchar juntos, juntos sem dúvida dentro de um espírito de respeito, de acatamento, de harmonia e de independência.

Ainda neste quadro de realizações, eu quero referir-me em particular a um fato que não é de hoje ou de ontem e que sinceramente creio que a todos deve preocupar. Acho que o Brasil, com esse desenvolvimento que tem tido nos anos da Revolução, tem que olhar para o aprimoramento de sua Justiça.

Esta preocupação vem desde os primeiros dias de meu Governo, e a Revolução sem dúvida já tinha atuado neste campo, criando a Justiça Federal, principalmente. Mas, ninguém pode negar que a nossa Justiça é tarda, é lenta, e carece, muitas e muitas vezes, da confiança daqueles que batem à sua porta. É preciso que essa Justiça se agilize, que ela se atualize, que ela se ponha no mesmo nível do estágio que o Brasil alcançou. Com este espírito, o Poder Executivo, com um diagnóstico formulado pelo Poder Judiciário, enviou ao Congresso uma reforma da Constituição, que permitiria dar os primeiros passos, os passos fundamentais, vale dizer, os alicerces sobre os quais nós deveríamos erigir uma nova e moderna Justiça para o Brasil. Lamentavelmente, em função da atuação de uma minoria que praticamente dentro do Congresso se transformou numa ditadura, minoria que se prevalece da circunstância de que uma reforma constitucional exige um *quorum* de 2/3 para aprovação de qualquer projeto, não foi possível obter a aprovação dessas medidas, embora o Governo contasse com o apoio integral, maciço, de todo o partido da ARENA. É, sem dúvida, um fato lamentável. Prejudicado com esta medida não é o Governo, prejudicado é o povo, prejudicada é a Nação brasileira, que precisa de uma nova Justiça. Eu lhes afirmo que essa nova Justiça se fará.

Então resta saber o que fica dessa nossa Revolução. Ela já tem 13 anos, creio que não está ainda suficientemente velha para desaparecer. Ela deverá continuar, deverá continuar com o nosso

apoio, com o nosso esforço, embora haja aqueles que a ela se opõem, uns por ignorância, outros por ideologias, outros por boa fé. Cabe a nós, sermos fiéis aos nossos princípios, sermos honestos aos nossos propósitos e levar essa Revolução ao fim para que ela realize seu objetivo. Quanto à segurança, eu estabeleci que nós deveríamos dar-lhe um mínimo indispensável de meios para realizá-la e deveríamos dedicar o esforço e os recursos que pudéssemos ao desenvolvimento. A segurança é fundamental ao desenvolvimento. Só ela gera um clima de paz, de ordem, de continuidade, de tranqüilidade que permite os investimentos e que permite o trabalho em ordem e conseqüentemente permite o progresso. Neste quadro, as Forças Armadas, juntamente com outras Forças Auxiliares e outros instrumentos do País, têm desempenhado papel relevante. Ao longo desses treze anos, sem dúvida, tivemos problemas, mas conseguimos dominá-los todos galhardamente. As tentativas de terrorismo, de seqüestros, de guerrilha urbana, de guerrilha rural, todas elas foram dominadas e o País vive tranqüilamente, sem dúvida vigilante e pronto, toda vez que esses focos ressurgirem, a dominá-los, como é do nosso dever.

Rendo, assim, meu preito a estas Forças Armadas que, com renúncia, com sacrifício material e muitas e muitas vezes com sacrifício de vidas, enfrentaram esta luta. Acho, pois, que valeu a pena fazer essa Revolução. Volto a me referir ao ponto inicial de meu discurso. Creio que podemos ter a consciên-

cia tranqüila. Cumprimos o nosso dever, mas se fizemos muito, muito e muito ainda está por fazer. Ainda temos problemas sérios na nossa infra-estrutura. Ainda temos desníveis sociais, desníveis de renda. Temos imensos problemas pela frente, no gigantismo deste nosso País. E isto deve constituir para todos nós estímulo para que prossigamos com tenacidade e com todos os sacrifícios necessários para levarmos a nossa Nação ao bom termo que todos no nosso íntimo almejamos. Peço que me acompanhem num brinde, não apenas pela união de nossas Forças Armadas, união que existe e que se cimentou desde os idos de 1964, mas também pela união dessas Forças com o povo brasileiro, de onde elas emanam e com o qual sempre se integraram ao longo de toda a nossa História.